AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana será movimentada no Brasil, com dados de crédito, inflação, emprego e fiscal. Os EUA também trazem dados de inflação

O Banco Central divulga na sexta-feira (27) as Estatísticas Monetárias e de Crédito referentes ao mês de outubro, que deve trazer novos sinais de desaceleração, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Segundo a pesquisa, o saldo total de crédito deve crescer 0,4% no mês, com maior avanço nas linhas destinadas às famílias (+0,7%), enquanto a carteira das empresas deve ficar próxima da estabilidade (-0,1%). Com isso, o ritmo de expansão do saldo total em 12 meses deve desacelerar de 8,6% para 8,0%, reforçando a trajetória de acomodação gradual do mercado de crédito, em um contexto marcado por elevado nível de endividamento e inadimplência. As páginas 6 e 7 trazem o resultado completo da pesquisa. Ainda no setor bancário, o Banco Central realiza na terça-feira (25) a reunião do Comitê de Estabilidade Financeira (Comef), que apresentará sua avaliação sobre o sistema financeiro e possivelmente decidirá sobre o ACCP Brasil.

No campo da inflação, o IBGE divulga na quinta-feira (26) o IPCA-15 de novembro, que deve voltar a se distanciar do teto da meta. O consenso do mercado projeta alta de 0,36% no mês, pressionado pelos preços dos alimentos, em meio aos efeitos climáticos adversos do fenômeno *El Niño*. Por outro lado, a manutenção da bandeira tarifária verde deve limitar avanços do item energia elétrica. Com isso, no acumulado em 12 meses, o índice deve avançar de 4,62% para 4,78%, ampliando a distância em relação ao teto da meta de inflação (4,50%). Na sexta-feira (27), a FGV divulga o IGP-M de novembro, com expectativa de alta de 0,96% no mês e inflação acumulada de 5,96% em 12 meses (ante 5,25%).

A semana também será marcada pela divulgação dos dados de emprego pelo IBGE, que deve manter o cenário de baixo desemprego. A expectativa é que a taxa de desemprego permaneça estável em 5,2% no trimestre móvel encerrado em outubro, reforçando a percepção de resiliência do mercado de trabalho, apesar da desaceleração da atividade econômica. As atenções também se voltam ao comportamento dos rendimentos, que devem seguir mostrando moderação dos ganhos reais, sugerindo que o ajuste do mercado de trabalho tem ocorrido, por ora, mais pela renda do que pela ocupação.

O Tesouro Nacional deve divulgar superávit primário de R$ 47,6 bilhões para o Governo Central em outubro, acima dos R$ 36,6 bilhões registrados em out/25. A leitura dará continuidade ao resultado positivo observado em setembro, de R$ 4,8 bilhões, e reforçará a expectativa de moderação do déficit primário no 2º semestre. Em 12 meses, o déficit deve alcançar R$ 40,6 bilhões (ante R$ 44,6 bilhões em out/25), apontando que o quadro fiscal permanece pressionado pelo avanço das despesas obrigatórias e por gastos extraordinários, incluindo os subsídios aos combustíveis. Pelo lado da arrecadação, a desaceleração das receitas mais sensíveis ao ciclo econômico deve ser parcialmente compensada pelas medidas de elevação de tributos e pelas receitas vinculadas ao petróleo.

No setor externo, o Banco Central divulga na quinta-feira (26) os dados de outubro, com expectativa de déficit de US$ 3,1 bilhões em transações correntes. Caso se confirme, o número será um pouco melhor que o observado em out/25 (US$ -4,0 bi), refletindo o maior superávit comercial no período. Com isso, em 12 meses, o déficit externo (2,3% do PIIB) deve se manter financiado com bastante folga pela entrada de investimentos estrangeiros diretos (3,4% do PIB).

Nos EUA o destaque será a divulgação do índice PCE de outubro nesta quarta (25), métrica preferida de preços do Fed. O deflator de gastos do consumo pessoal (PCE) deve subir 0,3% no mês, acelerando em 12 meses de 3,6% para 3,8%. O núcleo do indicador também deve acelerar, de 3,1% para 3,2%; se confirmadas estas estimativas, deve se consolidar a expectativa de alta dos juros pelo Fed em dezembro (dia 9). Na mesma divulgação, serão conhecidos os dados de renda e gastos pessoais. O consumo deve avançar 0,4% no mês, se mantendo em expansão, mesmo em meio à inflação pressionada. Por fim, a semana também trará uma série de outros indicadores da economia norte-americana, como dados de confiança dos consumidores, do mercado imobiliário, o Livro Bege do Fed, além da 2ª estimativa do PIB do 3T26.

INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24-27/nov	FGV: Sondagens de Confiança (Consumidor, Construção, Indústria, Serviços e Comércio)	Nov/26	-	-
25/nov	BCB: Reunião do Comef	-	-	-
26/nov	IBGE: IPCA-15	Nov/26	0,36% m/m 4,78% a/a	0,32% m/m 4,62% a/a
26/nov	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Out/26	US$ -3,1 bi	US$ -5,1 bi
27/nov	Tesouro: Resultado Primário do Governo	Out/26	R$ 47,6 bi	R$ 4,8 bi
27/nov	FGV: IGP-M	Nov26	0,96% m/m 5,96% a/a	1,47% m/m 5,25% a/a
27/nov	PNAD: Taxa de Desemprego	Out/26	5,2%	5,2%
27/nov	BCB: Estatísticas de Crédito	Out/26	0,4% m/m* 8,0% a/a*	0,4% m/m 8,6% a/a
Sem data	Receita Federal: Arrecadação de Impostos	Out/26	-	5,6% a/a

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/nov	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Nov/26 - prévia	52,8 pts / 51,8 pts	52,7 pts / 51,4 pts
23/nov	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Nov/26 - prévia	54,5 pts / 55,5 pts	54,9 pts / 56,1 pts
24/nov	EUA	Confiança do Consumidor (*Conf. Board*)	Nov/26	92,2 pts	91,7 pts
25/nov	EUA	PIB	3T26 – 2ª leitura	3,5% t/t (anualizado)	2,2% t/t (anualizado)
25/nov	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Out/26	0,4% m/m 0,4% m/m	0,2% m/m 0,5% m/m
25/nov	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Out/26	0,3% m/m 3,8% a/a	0,5% m/m 3,6% a/a
25/nov	EUA	Pedidos de bens duráveis	Out/26	0,6% m/m	1,8% m/m
25/nov	EUA	Vendas de novas casas	Out/26	-4,6% m/m	-0,6% m/m
25/nov	EUA	Livro Bege	-	-	-
25/nov	EUA	Alvarás para novas construções	Out/26 - final	-	-0,4% m/m
27/nov	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Nov/26 - final	-16,9 pts	-17,9 pts
27/nov	EUA	Estoques no atacado	Out/26 - prévia	0,4% m/m	0,7% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indicadores antecedentes apontam retração do PIB no 3T26

Os principais indicadores antecedentes do PIB apontaram retração da atividade econômica no 3T26, reforçando os sinais de desaceleração da economia ao longo do ano. O IBC-Br, divulgado pelo Banco Central, recuou 0,9% no trimestre ante o 2T26, considerando a série com ajuste sazonal, enquanto o Monitor do PIB, da FGV, apresentou queda de 0,3% no período. O resultado oficial do PIB do 3T26 será divulgado pelo IBGE no próximo dia 02/dez.

No caso do IBC-Br, o indicador recuou 0,25% em setembro. A queda foi concentrada na indústria (-0,4%), que segue mostrando perda de dinamismo ao longo do ano, inclusive diante da menor contribuição positiva da indústria extrativa em relação ao observado no primeiro semestre. A agropecuária, por sua vez, avançou 1,2%, recuperando parte das perdas recentes, enquanto os serviços ficaram praticamente estáveis (-0,1%). No trimestre, todos os componentes do IBC-Br recuaram em relação ao 2T26: agropecuária (-2,0%), indústria (-1,1%) e serviços (-0,5%).

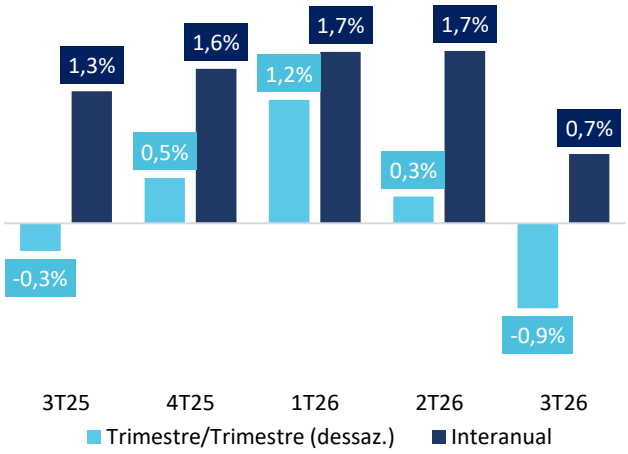
Na comparação com o mesmo período de 2025, o indicador agregado avançou 0,7%, levando o crescimento acumulado em 12 meses para 1,4%, menor patamar de expansão desde jun/21. O resultado interanual ainda foi favorecido pelo desempenho positivo da agropecuária (+3,2%). Em sentido contrário, a indústria recuou 0,2% ante o 3T25, registrando a primeira queda nessa base de comparação desde o 1T22, enquanto os serviços avançaram apenas 0,9%.

A leitura de setembro deixou um *carry-over* negativo de 0,1% para o IBC-Br no 4T26. Para o ano, o carrego estatístico é de 1,22%.

O Monitor do PIB, calculado pela FGV, também apontou retração da atividade no trimestre, embora menos intensa do que a observada no IBC-Br. Em setembro, o indicador do PIB ficou estável em relação a agosto, após ajuste sazonal. Com isso, o Monitor recuou 0,3% no 3T26, na comparação com o trimestre anterior.

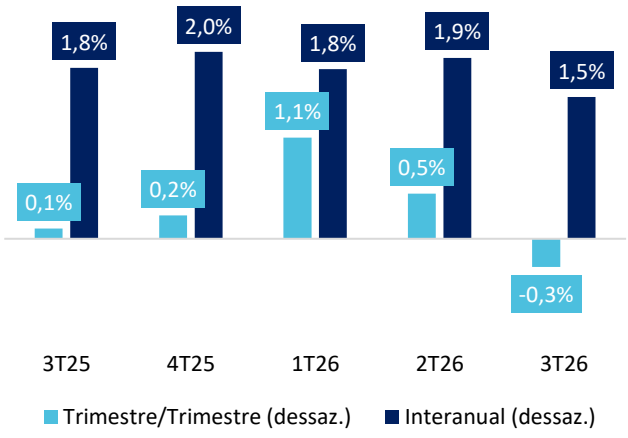
Na comparação interanual, o Monitor do PIB avançou 1,5% no trimestre. Pela ótica da oferta, a agropecuária cresceu 4,3% em relação ao 3T25, enquanto a indústria apresentou alta de 0,6%, diferentemente da retração apontada pelo IBC-Br para o setor.

Quadro 1: IBC-Br
Var. % trimestral e interanual



Fonte: BCB.

Quadro 2: Monitor do PIB
Var. % trimestral e interanual



Fonte: FGV.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Pela ótica da demanda, o consumo das famílias cresceu 0,3% ante o 3T25. Apesar da alta, o resultado manteve a trajetória de desaceleração observada desde o 1T26. A formação bruta de capital fixo recuou 0,2%, interrompendo a recuperação observada no trimestre anterior. No setor externo, as importações avançaram 2,6%, enquanto as exportações cresceram 0,7%. Já a taxa de investimento encerrou o período em 18,9% do PIB. Assim, o resultado de setembro deixou um *carry-over* positivo de 0,15% para o Monitor do PIB no 4T26. Para 2026, o carrego estatístico ficou em 1,74%.

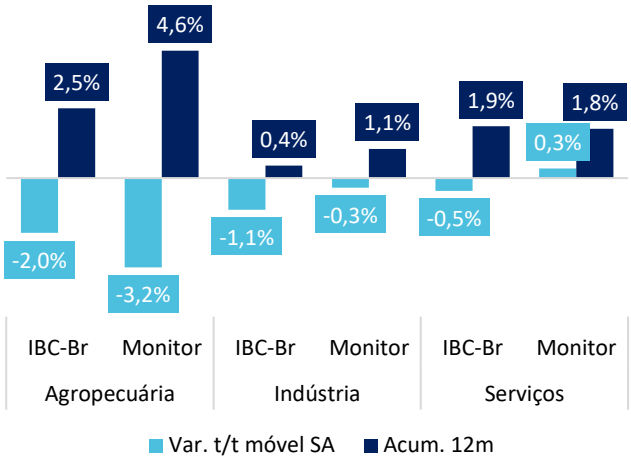
De modo geral, ambos indicadores reforçaram a leitura de continuidade do processo de desaceleração econômica, com provável retração da atividade no 3T26. Para o último trimestre do ano, os carregamentos estatísticos sugerem desempenho próximo da estabilidade, mas com possibilidade de nova queda. Nesse contexto, as expectativas para o crescimento do PIB em 2026 podem seguir com viés de queda, atualmente em 1,7%, enquanto o desempenho para 2027 vem sendo revisado para baixo, se aproximando de 1,0%.

O Senado Federal aprovou na última quarta (18) o PLP nº 299/2026. Com a rejeição dos principais destaques, foi mantido o texto-base encaminhado pelo governo, que reúne medidas de reforço do arcabouço fiscal, redução de benefícios tributários e limitação de despesas. O impacto fiscal projetado está entre R$ 45,1 bi e R$ 56,1 bi para 2027, segundo estimativas do governo federal.

A proposta é vista como fundamental para capacidade do governo entregar um resultado primário compatível com o centro da meta fiscal para 2027 ao incorporar as novas despesas associadas às medidas que ampliam as despesas fiscais para os próximos anos, como as novas políticas para os MEIs, reajuste do Bolsa Família, a ampliação do pé-de-meia e a perda de arrecadação com o fim das *bets*, todas fora do PLOA 2027.

A partir de 2027, nos exercícios em que houver contingenciamento, o crescimento real da despesa ficará limitado a 2,0% ao invés dos 2,5%. O Executivo também poderá restringir compensações tributárias e limitar empenhos quando o resultado primário estiver no intervalo inferior de tolerância da meta. Além disso, o texto retira as receitas de exportação de petróleo do cálculo das despesas indexadas à Receita Corrente Líquida até 2030, como no caso do Piso Constitucional da Saúde. O texto agora será apreciado pela Câmara dos Deputados. Se aprovado sem alterações, irá para sanção do Presidente da República.

Quadro 3: Abertura Setorial dos Antecedentes
Var.% trimestral e acum. 12 meses



Fonte: BCB e FGV.

Quadro 4: Impacto estimado das principais medidas do PLP 299/2026 aprovados no Senado Federal

Medida	Impacto estimado (R$ bi)
Contingenciamento com foco no centro da meta	12,8 a 18,3
Limitação das compensações tributárias	12,8 a 18,3
Redução dos gastos tributários	15,0
Limitação do REIDI ao DGT de 2026	4,5
Impacto fiscal total	**45,1 a 56,1**

Fonte: Senado Federal – Parecer ao PLP nº 299/2026.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Fed reforça expectativa de juros altos por mais tempo enquanto ações de tecnologia afundam

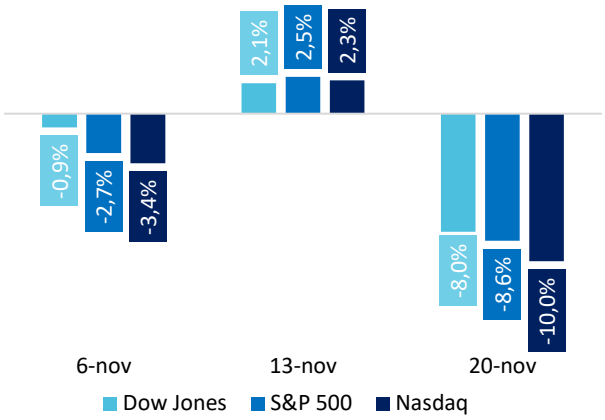
Os mercados acionários foram marcados na última semana por uma nova onda de aversão ao risco. O tom mais restritivo adotado pelo Fed em sua última ata, que indicou preocupação com a persistência da inflação e apontou a demanda por IA como fonte relevante de risco inflacionário, reforçou apostas de juros mais altos por mais tempo (*higher for longer*). Isso, em conjunto com as dúvidas crescentes dos investidores em relação à sustentabilidade do financiamento dos investimentos em IA, levaram a uma queda pronunciada das bolsas norte-americanas na semana. Destaque para o índice Nasdaq que caiu 10,0%, sendo que apenas na sexta, o recuo foi superior a 5%. Vale notar que foi realizado o IPO da Anthropic, que levou a empresa a valer US$ 2,1 trilhões, 6ª empresa mais valiosa do mundo. Porém, desde sua estreia, seu valor de mercado já recuou cerca de 15%. No radar ainda está o imbróglio envolvendo o CEO da Nvidia e as novas restrições a exportações dos EUA de chips avançados de IA.

A ata da última reunião do Fed, realizada nos dias 27 e 28 de outubro, reforçou que a inflação segue acima da meta (2,0%), refletindo impactos das tarifas, a alta dos preços de energia e a maior demanda por bens relacionados à IA. Ao mesmo tempo, a atividade econômica segue crescendo em ritmo sólido, enquanto o mercado de trabalho permanece relativamente estável, embora apresente alguns sinais de aperto. Nesse contexto, os membros do Comitê sinalizaram que novas altas dos juros podem ser necessárias para assegurar a convergência da inflação à meta. Os dados da plataforma CME apontam uma probabilidade acumulada de 62% para um cenário de duas altas de 0,25 p.p. dos *Fed Funds* nas próximas 2 reuniões. Ainda nos EUA, a produção industrial recuou 0,4% em outubro, contrariando a expectativa de alta de 0,1%. Por outro lado, as vendas no varejo avançaram 0,2% no mês, em linha com o consenso, reforçando a resiliência do consumo.

Na China, os dados de atividade mostraram desaceleração em outubro. A produção industrial avançou 4,8% ante out/25, após alta de 5,5% em setembro. Enquanto isso, as vendas no varejo cresceram 0,4%, também abaixo do esperado e do mês anterior (ambos +1,1%), mostrando perda adicional de dinamismo da economia chinesa.

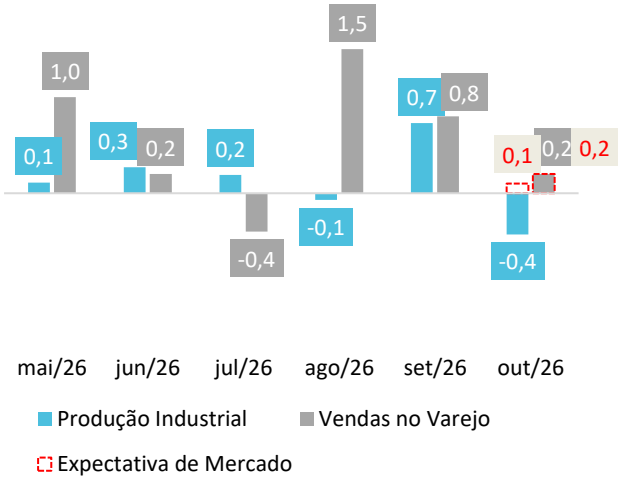
Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) de outubro registrou alta de 0,5% no mês, pressionada pelos preços da energia. No acumulado em 12 meses, o indicador acelerou de 3,8% para 4,0%, maior nível desde set/23, reforçando as expectativas de um novo aperto monetário pelo Banco Central Europeu (BCE) em dezembro.

Quadro 5: Índices acionários dos EUA
Var. % semanal



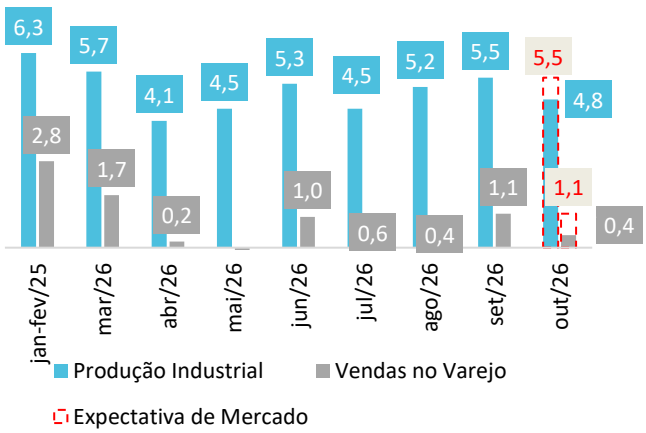
Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: EUA – Produção industrial e Vendas no varejo – Em % m/m



Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: China – Produção industrial e Vendas no varejo – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito total deve crescer 0,4% em setembro, com alta anual desacelerando para 8,0%

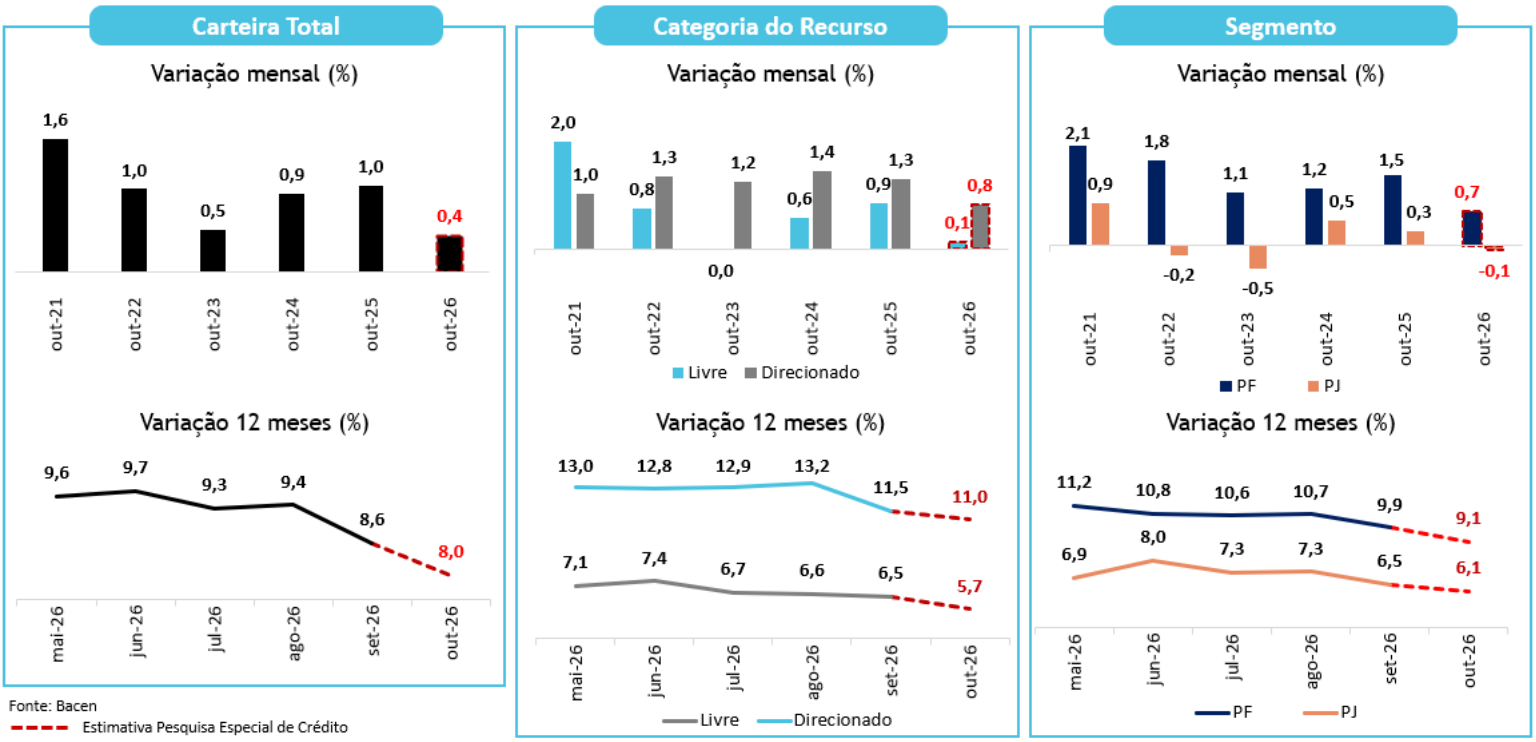
O saldo da carteira de crédito total deve crescer 0,4% em outubro, com a expansão anual desacelerando de 8,6% para 8,0%. Caso a estimativa se confirme, o mercado de crédito mostrará intensificação do processo de acomodação em outubro, dando sequência ao observado em setembro.

A desaceleração é relativamente disseminada e mostra os recursos livres com crescimento mais modesto (5,7%), enquanto a carteira com recursos direcionados (11,0%) registra maior patamar de expansão.

A carteira destinada às famílias deve avançar 0,7% no mês, desacelerando de 9,9% para 9,1% em 12 meses. A alta mensal deve ser maior entre os recursos direcionados (+0,9%), sustentada pelo crédito imobiliário, enquanto o crédito rural continua com números bastante fracos diante de um ambiente ainda desafiador no setor. Já o crédito livre deve crescer 0,6% no mês, puxado por veículos e linhas rotativas, reforçando o quadro de atenção com o comportamento da inadimplência. Em 12 meses, ambas as aberturas devem desacelerar: PF Livre de 10,0% para 8,7%, e PF Direcionado de 9,7% para 9,6%.

A carteira destinada às empresas deve recuar 0,1% em outubro, desacelerando para 6,1% (ante +6,5%) em 12 meses. O ligeiro recuo deve ser puxado pelos recursos livres (-0,6%), diante de um resultado mais fraco nas linhas de recebíveis, movimento sazonal de início de trimestre, e capital de giro. Já a carteira com recursos direcionados (+0,7%) deve seguir impulsionada pelos programas governamentais, ainda que com alguma perda de ímpeto na margem. Em 12 meses, a carteira direcionada deve ficar em 13,7% (ante +15,0%), se mantendo como o segmento mais dinâmico, apesar da desaceleração, enquanto a livre deve seguir com baixo nível de expansão, em 1,3% (ante +1,2%).

Quadro 8: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen

Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

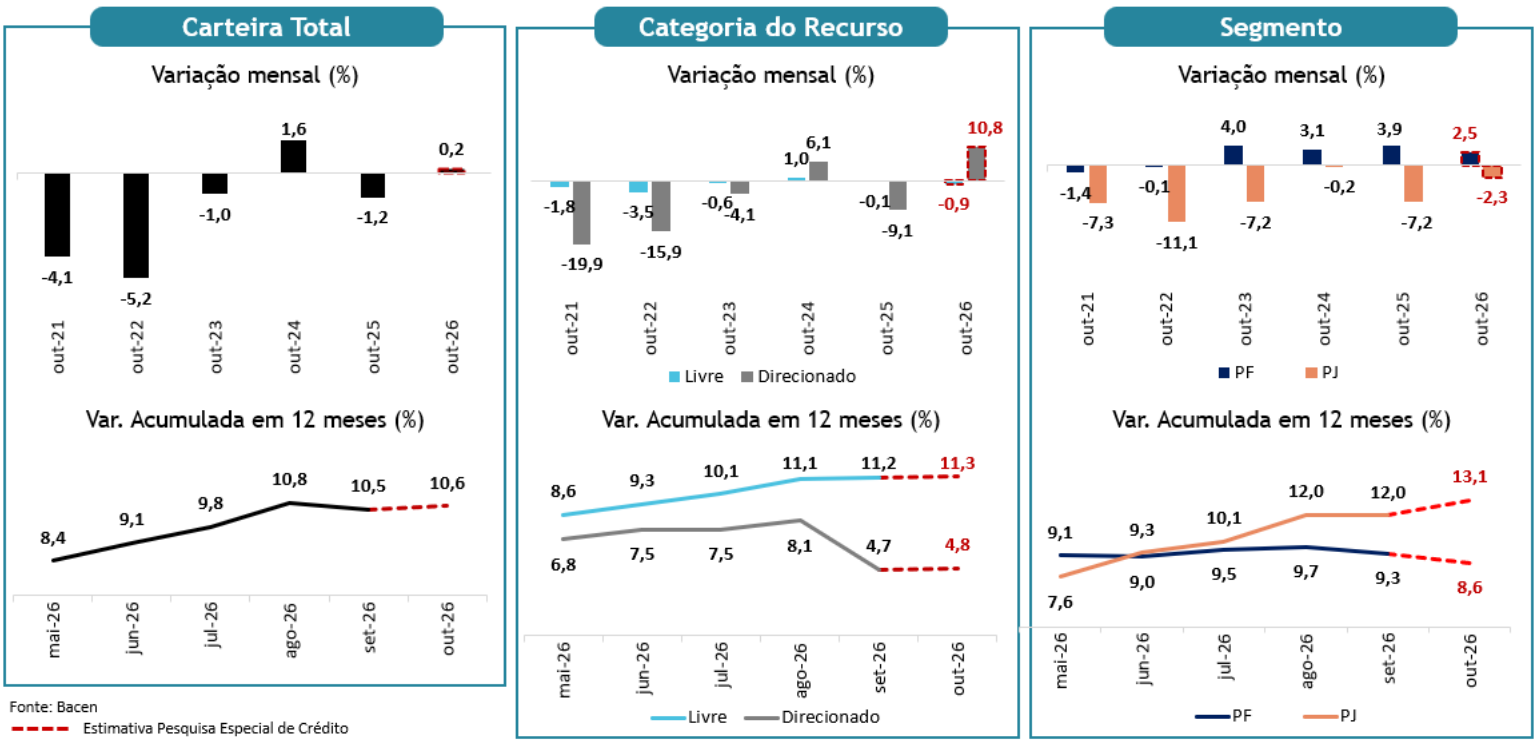
As concessões de crédito devem ficar praticamente estáveis em outubro, avançando 0,2% ante setembro, sem necessidade de ajuste da variação média diária (ambos os meses com 21 dias úteis). Já na comparação com outubro de 2025 (também por dias úteis), deve-se registrar um avanço de 18,6%.

Na comparação anual, as concessões são puxadas pela carteira destinada às empresas (+26,9%), especialmente pelas linhas com recursos livres, refletindo ainda a baixa base de comparação. Enquanto isso, nas concessões às famílias (+12,2%), destaque para imobiliário e consignado privado. No acumulado de 12 meses, o ritmo de crescimento das concessões deve se manter na faixa de dois dígitos: 10,6% (ante 10,5%).

Em suma, a pesquisa seguiu captando uma desaceleração mais pronunciada do crédito em outubro, ainda que com nível de expansão relativamente alto. Adicionalmente, trouxe novos sinais de deterioração na qualidade da carteira das famílias, reforçando a preocupação com a inadimplência. Portanto, os sinais de desaceleração no mercado de crédito vão se acumulando, respondendo à política monetária restritiva e a desaceleração econômica.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está prevista para esta sexta (27). Para ver o resultado completo da pesquisa, clique aqui.

Quadro 9: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen
Estimativa Pesquisa Especial de Crédito
Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

PESQUISA ESPECIAL DE CRÉDITO – OUTUBRO DE 2026

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Crescimento esperado para o saldo de crédito total em 2026 caiu para 8,6%

A projeção para a expansão da carteira total de crédito em 2026 caiu para 8,6% (ante 8,9% na pesquisa de setembro), com revisão para baixo tanto nos recursos livres quanto direcionados, em um contexto de juros elevados e contínua alta da inadimplência. A maior revisão ocorreu nos recursos livres (+6,6%; ante 7,1%).

Entre as carteiras com recursos livres, houve redução das projeções tanto para PF, de 9,6% para 9,1%, quanto, de forma mais intensa, para PJ, de 3,5% para 2,5%.

A projeção para a carteira direcionada ficou praticamente estável, em 10,9% (ante 11,0%), com ligeiras revisões para baixo tanto em PJ (de 13,4% para 13,3%) quanto em PF (de 9,6% para 9,4%). O crescimento segue mais robusto nesse segmento, que vem sendo favorecido pelos programas governamentais para as MPMEs e pelo dinamismo do crédito habitacional.

Quanto à inadimplência da carteira livre, houve nova revisão para cima das projeções para 2026 (de 6,1% para 6,4%) e 2027 (de 5,9% para 6,3%), sinalizando continuidade das pressões sobre o indicador e reforçando o cenário desafiador para o mercado de crédito.

Para 2027, a expectativa de crescimento da carteira total foi revisada de 7,4% para 7,1%, puxada pelos recursos livres (de 6,4% para 5,7%). Em sentido contrário, a projeção para o crédito direcionado subiu ligeiramente, de 8,5% para 8,6%, devendo seguir como importante vetor de sustentação do crédito no próximo ano.

Portanto, a pesquisa captou uma redução relativamente disseminada nas projeções para o mercado de crédito deste e do próximo ano, isto é, crescimento menor e inadimplência mais alta. Para 2027, os agentes ainda esperam certa resiliência das linhas direcionadas, o que daria certo suporte ao crédito, em contraposição às linhas com recursos livres, que mostraram queda mais pronunciada das projeções.

O Quadro 10 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 10: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2026		2027	
	Pesquisa Set/26	Pesquisa Nov/26	Pesquisa Set/26	Pesquisa Nov/26
Carteira Total (var. % – total do SFN)	8,9	**8,6**	7,4	**7,1**
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	7,1	**6,6**	6,4	**5,7**
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	3,5	**2,5**	5,1	**3,6**
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,6	**9,1**	7,4	**7,1**
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	11,0	**10,9**	8,5	**8,6**
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	13,4	**13,3**	9,6	**9,9**
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,6	**9,4**	7,9	**8,0**
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	6,1	**6,4**	5,9	**6,3**

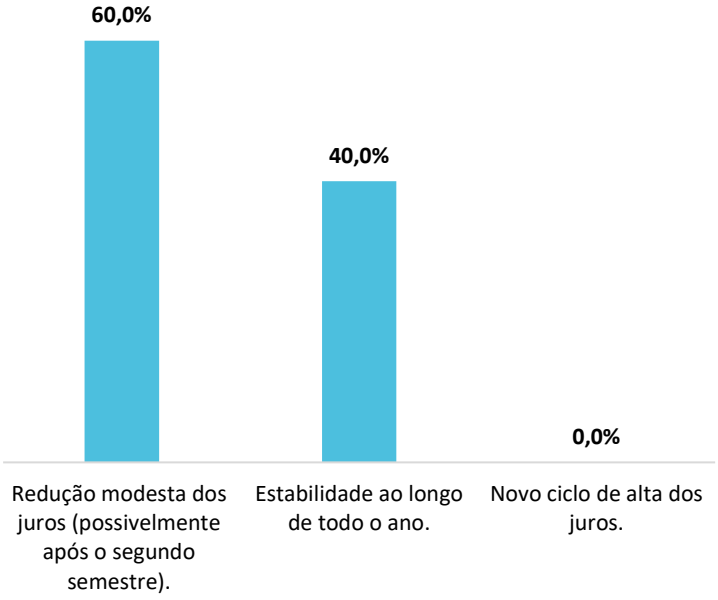
Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa de Economia Bancária e Expectativas da Febraban foram:

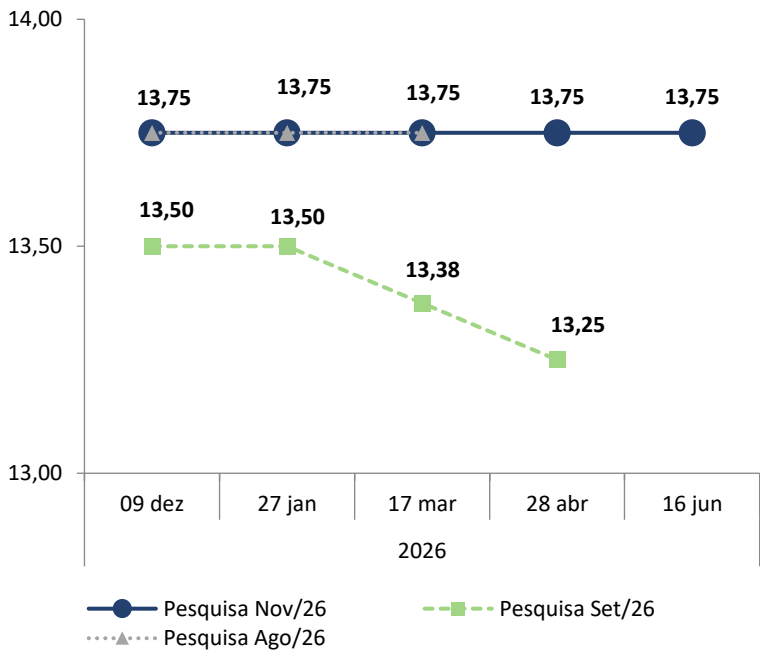
- Para mais da metade dos participantes (60,0%), haverá uma redução modesta da taxa Selic em 2027, possivelmente apenas a partir do segundo semestre. Por outro lado, 40% acreditam na estabilidade dos juros ao longo do próximo ano. Nesse sentido, a mediana das projeções indica estabilidade da taxa Selic em 13,75% a.a. ao longo de todo o primeiro semestre de 2027 (ante perspectiva de queda na pesquisa de setembro), conforme Quadro 11.
- A pesquisa sugere viés negativo para as expectativas de PIB em 2027: 50% dos participantes esperam crescimento abaixo do consenso atual, de 1,0%, enquanto 30% projetam expansão em linha com esse nível e apenas 20% acima.
- Para a inflação, o viés é altista: metade dos participantes esperam uma inflação acima do consenso (de 5%) para 2027. Os demais se dividem entre uma inflação em linha com as projeções (30%) e abaixo delas (20%).
- Para o mercado de crédito, 65% dos participantes esperam desaceleração moderada ao longo de 2027, com o crédito direcionado sustentando parte da expansão. Para 35%, a desaceleração deve ser mais pronunciada. A maioria dos participantes (63,2%) espera que a inadimplência se estabilize em patamar elevado ao longo de 2027, dada a maior seletividade nas concessões. Por outro lado, 26,3% projetam continuidade da alta.
- Nos EUA, 55% dos analistas consultados esperam que o Fed eleve menos os juros do que o precificado atualmente pelo mercado (3 altas de 0,25 pp até o fim de 2027). Os demais 45% têm expectativa em linha com o consenso.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, clique aqui.

Quadro 11: Expectativa para a Selic para 2027



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 12: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC/BCB)

CRÉDITO / BANCOS

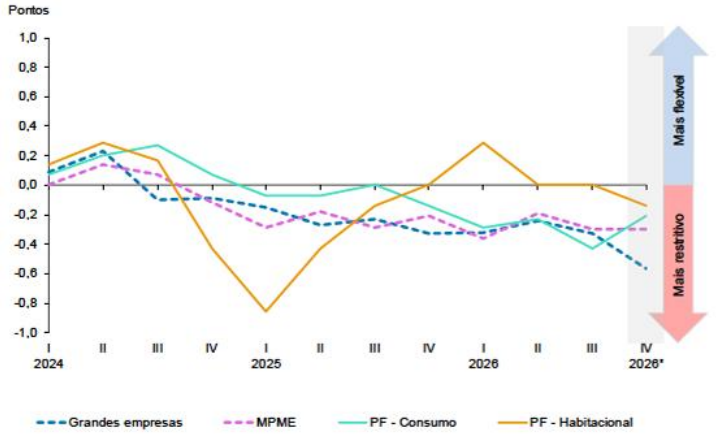
O Banco Central divulgou a Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC), que coleta as avaliações das IFs sobre as condições do mercado de crédito bancário no SFN. A Pesquisa capta a avaliação das instituições sobre as mudanças observadas nos últimos três meses e as perspectivas para os próximos três, em relação às condições de oferta e demanda por crédito para os seguintes segmentos: i) Grandes empresas; ii) Micro, pequenas e médias empresas (MPMEs); iii) Crédito pessoal para consumo; iv) Crédito habitacional (PF). Segundo o BCB, os principais destaques captados na Pesquisa realizada em setembro de 2026 foram:

- As condições de oferta continuaram mais restritivas no 3T26, com exceção do crédito habitacional. Em comparação com o trimestre anterior, as condições de oferta para PF Consumo foram mais restritivas que o esperado. Para o 4T26, a PTC indicou que é aguardada manutenção das condições restritivas em todas as modalidades.
- A demanda por crédito se mostrou resiliente no 3º trimestre, exceto para MPMEs. Para o 4T26, espera-se a manutenção de uma demanda relativamente forte, também com exceção das MPMEs, onde a projeção é de demanda mais fraca.
- Já a inadimplência, que é um dos fatores mais restritivos para a oferta de crédito, ficou acima do esperado no 3T26 nos segmentos de MPMEs e PF Consumo. Para o último trimestre do ano, espera-se novo aumento do risco/inadimplência em todos os segmentos, com destaque para MPMEs.

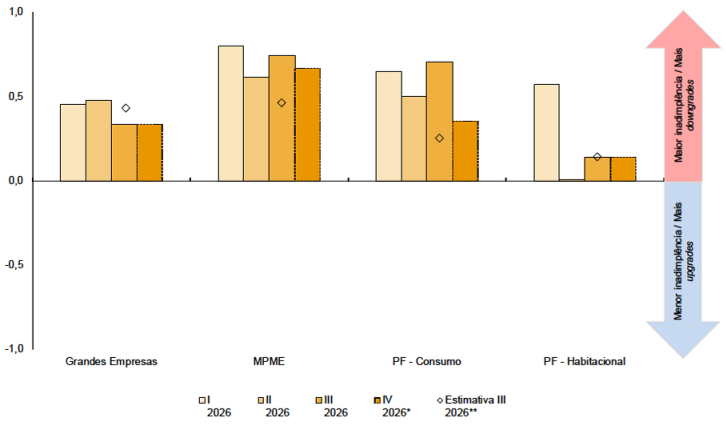
Percepções entre os segmentos:

- Crédito Consumo: as condições de oferta tornaram-se mais restritivas, com destaque para os fatores relacionados à inadimplência e ao custo de *funding*. Em sentido contrário, o nível de emprego, as condições salariais e a necessidade de captação de novos clientes atenuaram parcialmente esse movimento. A expectativa é de aumento da restrição da oferta no 4T26 em função da inadimplência.
- Crédito Habitacional: as condições de oferta permaneceram próximas da estabilidade, refletindo menor preocupação com o comprometimento de renda do consumidor e maior tolerância ao risco. Tendência de estabilidade nas condições de oferta no 4T26.
- Grandes empresas: as condições de oferta permaneceram restritivas, principalmente em razão do nível de inadimplência do mercado. Espera-se intensificação deste quadro no 4T26.
- MPMEs: as condições de oferta se mostraram mais restritivas, em decorrência de fatores associados à inadimplência e à tolerância ao risco. O movimento foi parcialmente atenuado tanto pela necessidade de captação de novos clientes como pela concorrência entre os bancos. A tendência também é de condições de oferta mais restritivas neste último trimestre do ano.

Quadro 13: Indicador de Oferta Padrão de Aprovação de Crédito



Quadro 14: Avaliação de *Rating*/Inadimplência



Fonte: PTC/Bacen. * Os valores do 4T26 correspondem às expectativas dos respondentes para o trimestre. Os demais correspondem às percepções sobre a situação em cada trimestre.

MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	20/11/2026	13/11/2026	23/10/2026	Viés	20/11/2026	13/11/2026	23/10/2026	Viés
IPCA (%)	**5,15**	5,11	5,19	▲	**5,12**	5,00	4,34	▲
PIB (% de crescimento)	**1,70**	1,72	1,80	▼	**1,00**	1,02	1,31	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	**13,75**	13,75	13,25	↔	**13,00**	12,75	11,75	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R$/US$)	**5,55**	5,40	5,05	▲	**5,50**	5,45	5,15	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	20/11/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R$/US$)	**5,94**	4,94%	9,24%	8,50%	11,38%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	**164,29**	12,45%	12,88%	18,62%	13,82%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	**13,71**	0,37%	0,86%	-7,95%	-7,93%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	**14,74**	3,86%	2,57%	6,78%	6,99%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	**15,51**	2,98%	1,28%	15,04%	17,31%
Índice Ibovespa (em pontos)	**166.376,43**	-3,53%	-0,92%	3,26%	7,08%
IFNC (setor financeiro)	**16.268,81**	-4,91%	-0,55%	-5,94%	-3,45%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	**4,00**	0,00%	0,00%	6,67%	0,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	**4,65**	-4,03%	1,29%	34,76%	31,54%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	**4,94**	-3,73%	0,30%	19,94%	21,04%
Dollar Index	**103,81**	0,38%	1,89%	5,67%	3,64%
Índice S&P 500 (em pontos)	**6.910,39**	-8,61%	-8,83%	0,21%	5,68%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	**158,67**	-9,48%	-7,76%	-4,16%	8,69%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	**132,38**	-6,13%	-5,55%	5,68%	15,39%
Índice Euro Stoxx 50	**5.941,95**	-6,97%	-3,09%	2,51%	6,68%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	**278,04**	-7,06%	1,39%	5,40%	17,71%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US$)	**92,57**	-3,41%	-21,31%	49,50%	46,06%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
Jayme Alves
Luiz Fernando Castelli
João Vítor Siqueira
Marcos Duarte
Jéssica Silva Martins